

## **ATA DA 422ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DA COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DA ESCOLA POLITÉCNICA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

Aos 07 dias do mês de julho de dois mil e vinte e três, às 8h40, em terceira chamada, deu-se início à reunião extraordinária da Comissão de Graduação da EPUSP. A reunião foi realizada na sala do Conselho Técnico Administrativo (CTA), no Edifício Mário Covas, sob a presidência do Professor Doutor Antonio Carlos Seabra e com a presença dos professores doutores Fernando Akira Kurokawa (vice-presidente), Sérgio Leal Ferreira, (PCC), Selma Shin Shimizu Melnikoff (suplente PCS), José Aquiles Baesso Grimoni (PEA), Wilson Komatsu (PEA), Renato Carlos Zambon (PHA), Edilson Hiroshi Tamai (PME), Eduardo Cesar Sansone (PMI), Rafael Traldi Moura (PMR), Eduardo Franco Monlevade (PMT), Helio Mitio Morishita (PNV), Marcelo Martins Seckler (PQI), Marco Aurélio de Mesquita (PRO), Gustavo Pamplona Rehder (PSI), Cristiano Magalhães Panazio (PTC), Claudio Luiz Marte (PTR), Augusto Câmara Neiva (CCB) e João Batista Camargo Júnior (CCQ). Também estiveram presentes os representantes discentes André Nassur Massucato e Vinicius Murbach Toth; e as funcionárias Marcia Costa Pinto Barros – Assistente Técnica Acadêmica e Denise Fernanda de Souza – Secretária da CG-EPUSP.

### **I - ORDEM DO DIA**

#### **1. Análise dos projetos de construção de um novo prédio.**

O Prof. Antonio Carlos Seabra informou que 15 de julho de 2023 era o prazo para entrega do parecer sobre as propostas de construção do novo prédio da Escola Politécnica. O objetivo da CG seria verificar se os projetos atendiam às premissas estabelecidas, ressaltar os aspectos relevantes por eles apresentados e eventuais pontos que precisariam ser melhor esclarecidos. Poderiam, caso relevante, endereçar questões de outras naturezas, como acessibilidade, espaços de convivência, entre outras. Ressaltou, porém, que o propósito não era comparar um projeto com o outro, e sim analisar o que cada um apresentava. Tendo em vista o prazo, estabeleceu o período de uma semana para a discussão - os membros sugeriram a utilização do fórum da plataforma *Moodle*, ficando o Prof. Eduardo Sansone encarregado de preparar o recurso. A fim de estabelecer um ponto de partida para as discussões, o Prof. Seabra havia enviado um formulário para os membros e adotado a seguinte identificação para as propostas: **Proposta 01** – Escritório AO – Greg Bousquet; **Proposta 02** – Escritório Paulo Bruna Arquitetos Associados; **Proposta 03** – Escritório Yuri Vital Arquiteto. As principais observações trazidas pelos membros foram:

A proposta 01 apresentou salas de aulas com diferentes tipos de configurações e preocupação com acústica, ventilação e conforto térmico; as salas de estudo eram amplas. Foram contemplados: espaço de convivência, lanchonete, laboratórios e para o Grêmio. O projeto preservava a cobertura vegetal, apresentou acessibilidade, com rampa e elevadores, e, no que diz respeito à sustentabilidade, contava com painel solar e sistema de reuso de água. Os membros solicitaram uma estimativa do valor de construção e do valor final do prédio. O Prof. Seabra chamou a atenção para se ter cuidado com a ênfase nos espaços *maker*, destacando que o prédio atenderia alunos do primeiro ano, momento do curso ligado a outras atividades.

A proposta 02 apresentou diversas salas de aula e laboratórios, mas a distribuição dos alunos nestes espaços, principalmente para as atividades em grupo, não estava clara. A proposta levou em conta o conforto térmico e acústico e deu ênfase mais às áreas externa e de circulação, não tanto nos espaços das salas de aula, ensino e aprendizagem. Havia espaço para mini-incubadora e preservava cobertura verde. Uma preocupação apontada pelos membros dizia respeito aos espaços muito abertos, o que demandaria grande atenção à questão da segurança, principalmente nas áreas com equipamentos. Provavelmente seria necessária a instalação de grades. A questão do uso de madeira preocupava pela manutenção. Outro ponto levantado era que o barulho e ruídos dos espaços abertos não vazassem para as salas de aulas.

A proposta 03 apresentava como base salas de aula flexíveis e atendiam aos critérios de acessibilidade, mas não estava clara a capacidade de alunos. O projeto apresentava áreas de convivência agradáveis. Em relação à proposta apresentada anteriormente pelo escritório, diminuiu-se a extensão das paredes e aumentou-se a quantidade de janelas. Um dos questionamentos era se o aparato para fechamento das janelas funcionaria como lousa. Os espaços não eram bem limitados e não havia detalhamento do sistema de iluminação. Dentre os apontamentos, foi levantada a questão da manutenção - jardins na cobertura, uso extensivo de concreto, entre outros. Outra preocupação era com o auditório aberto, que poderia não ser adequado para formas de uso diversas, principalmente no inverno.

De um modo geral, os membros concordaram que as premissas foram atendidas nas três propostas. Houve preocupação dos membros, em relação a todas elas, com o uso extensivo de recursos tecnológicos e a manutenção que isso demandaria. Havia pontos importantes a serem esclarecidos – com o fórum, poderiam trazer mais questionamentos e apontamentos.

## **2. Agrupamento de cursos para o manual da Fuvest - atualização das Comissões Coordenadoras de Cursos – CoC's.**

O Prof. Antonio Carlos Seabra explicou tratar-se de uma proposta da Pró-Reitoria de Graduação – PRG na qual os candidatos ao vestibular inscrever-se-iam em uma carreira e, dentro dela, em até quatro opções de cursos. Quanto às chamadas, a proposta previa três listas de chamadas regulares e outras três listas de espera. Destacou que a gestão em curso da PRG tinha como preocupação o foco nos alunos; flexibilizando-se as possibilidades de escolha, as chances de ingresso do aluno seriam maiores. Esclareceu que a ideia era fazer um piloto, comparar os diferentes formatos e estudá-los. O objetivo dessa reunião era, portanto, discutir se a Escola Politécnica gostaria de aderir a este formato e, neste caso, estudar as possibilidades de agrupamento dos cursos nas carreiras – considerando, inclusive, o agrupamento em carreiras com cursos de outras Unidades e/ou *campi*. Em seu entendimento, a Poli não seria prejudicada com este formato, pois estava bem estruturada e seus cursos contavam com alta procura. O que precisaria ficar claro era que se tratava de um experimento. Em último caso, poderiam manter o ingresso como estava. Disse que tendia a convergir com as decisões que tivessem maior aderência no CoG e pediu a opinião dos membros. O Prof. Helio Mitio Morishita disse que a CoC-Naval gostaria de mais dados para basear seu entendimento e decisão. Algo que chamava a atenção da CoC era que a maioria dos alunos que faziam Naval não a faziam por primeira opção. O Prof. Wilson Komatsu disse que a CoC-PEA mostrou-se favorável. Perguntou, em termos de procedimentos, qual a tramitação do assunto, ao que o Prof. Seabra explicou que as decisões eram da CoC, CG e Conselho de Graduação. Tal decisão não estava no âmbito e competência do Conselho de Departamento e da Congregação, mas entendia que era saudável manter diálogo com os Conselhos. No entanto, a decisão não era deste colegiado. O Prof. Renato Zambon disse que poderia haver alunos que ficariam satisfeitos em ingressar em segunda ou terceira opções. Considerava que o agrupamento das Mecânicas e Elétricas, por exemplo, parecia coerente, mas preocupava-o quais seriam os pesos das provas de cada área na segunda fase. A posição da CoC-Ambiental foi que, se o agrupamento se desse por afinidade de temas e não por Unidades, era favorável a reunir todas as Ambientais em um grupo à parte das Engenharias. O Prof. Sergio Leal, pela CoC-Civil, chamou a atenção para os casos de carreiras com opções de cursos em diferentes cidades e os impactos que isso representaria para os ingressantes em termos de permanência estudantil. Outros docentes também corroboraram este ponto. O Prof. Seabra esclareceu que as três universidades paulistas estavam de acordo de que deveria haver subsídio governamental para a permanência. A respeito de outro ponto levantado, a transferência entre cursos, o representante discente Vinícius Murbach Toth disse que, no

modelo então vigente, a mobilidade ocorria entre os cursos da própria Unidade. No modelo proposto, caso um aluno entrasse em um curso em *campus* de uma cidade que não fosse de seu interesse, ele não iria conseguir transferência interna e provavelmente desistiria do curso. Pensa que continuaria a haver problemas, mas, por outro lado, haveria diminuição de demanda por transferência interna. Em andamento à discussão, os professores Wilson Komatsu e Cristiano Panazio sugeriram uma rodada de discussões para posicionamento de cada CoC. O Prof. Eduardo Sansone disse que a CoC-Minas / Petróleo estava de acordo e era interessante estarem agrupados com a Química. Também se preocupavam que o aluno pudesse ingressar em uma carreira com a qual tivesse afinidade. O Prof. João Batista Camargo Júnior disse que a CCQ estava de acordo. A Profa. Selma Shin Shimizu Melnikoff disse que a CoC-Computação também concordava; pessoalmente, não era contrária a juntar as engenharias se isso fosse favorável para os alunos. O Prof. José Aquiles Baesso Grimoni disse que o agrupamento entre Elétrica e Computação parecia natural, mas preocupava-se com os cursos menos procurados, que poderiam ser prejudicados. Sobre este ponto, o Prof. Eduardo Sansone, citando Minas e Petróleo, disse que eram áreas com as quais os alunos não tinham contato direto e acabavam não se sentindo atraídos. No entanto, as duas áreas eram extremamente importantes para o país, manifestação corroborada pelo Prof. Seabra. O Prof. Cristiano Panazio, da CoC-Telecomunicações, relatou que os membros eram favoráveis, pensando que o modelo proposto poderia ajudar a diminuir a insatisfação dos alunos. Sobre as grandes áreas, perguntou se, neste cenário, manter-se-ia o processo de transferência interna, ao que o Prof. Seabra esclareceu que sim, e que este processo era de âmbito da CG. O Prof. Gustavo Pamplona Rehder, CoC-Eletrônica, disse que não houve sessão da comissão para aprofundar o tema, mas que ela era favorável ao agrupamento. O Prof. Fernando Akira Kurokawa, considerando o formato de ingresso por carreiras, ressaltou a importância de uma melhor divulgação sobre os cursos e sobre as engenharias, ao que o Prof. Wilson Komatsu acrescentou a relevância da feira “USP e as Profissões” e a participação de alunos. Da parte da Comissão do Ciclo Básico - CCB, o Prof. Augusto Neiva disse que ações que motivassem os alunos eram bem-vindas e destacou a possibilidade de se tratar deste assunto também nas discussões das DCN's. O Prof. Rafael Traldi Moura disse que o sentimento da CoC-Mecatrônica era de que essa discussão era antiga e faltou levantamento de dados e pesquisas para melhor entendimento da questão da evasão. O Prof. Sergio Leal, da CoC Civil, disse que não haveria grande impacto na Civil e que precisariam pensar mais no processo de transferência. A proposta mais concreta seria estarem na mesma carreira da Ambiental, ao passo que o Prof. Renato Zambon defendeu que o mais adequado seria a Ambiental agrupar-se com as demais Ambientais, não com a Química nem com a Civil. O Prof. Helio Morishita esclareceu que voltaria a consultar a CoC e questionou se, por estarem com forte

atuação em Oceânica, não seria o caso de se agruparem com o Instituto Oceanográfico – IO. O Prof. Seabra explicou que o IO não havia participado ativamente das conversas entre os grupos, mas os representantes do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas – IAG e do Instituto de Geociências – IGc estavam articulando algo com o IO, procurando organizar uma carreira afim. O Prof. Seabra disse que, dado o prazo exíguo, talvez não houvesse tempo de discutir a inclusão da Naval neste grupo, mas era uma alternativa factível a longo prazo, a ser melhor estudada. O Prof. Claudio Luiz Marte lembrou que houve uma experiência anterior de opção pela Engenharia Civil da Poli e da Escola de Engenharia de São Carlos no momento do ingresso; no entanto, a EESC pediu para reverter esta possibilidade, devido ao alto índice de evasão - provavelmente pelo fato de haver maior oferta de oportunidades de estágio e emprego para os alunos em São Paulo. Neste sentido, o Prof. Sergio Leal defendeu ser interessante haver um comparativo para não adotarem modelos que não deram certo no passado por diferentes razões. O Prof. Seabra disse que este era um ponto mais sensível e que ainda estava com a discussão em aberto – estava em contato com a representante da EESC. O Prof. Wilson Komatsu disse que, além deste assunto, a Escola precisaria, internamente, resolver a questão de a transferência interna ser utilizada como meio de se mudar o curso de ingresso. Finalizando as discussões, o Prof. Seabra comprometeu-se a passar as informações que fossem surgindo e pediu a anuência dos membros para fazer o papel de negociador no CoG, consultando os representantes da CoC sempre que possível. Por fim, destacou que a decisão final seria do Conselho de Graduação.

---

Nada mais a ser tratado, a reunião foi encerrada às doze horas e cinquenta minutos.